



NOÇÕES SOBRE O CONCEITO DE MEIO E MODO DE VIDA NA GEOGRAFIA

NOTIONS ABOUT THE CONCEPT OF ENVIRONMENT AND WAY OF LIFE IN GEOGRAPHY

Jakeline Almeida Brito – UFPA – Belém – Pará - Brasil

jake_line_almeida@hotmail.com

RESUMO

Este texto faz parte de reflexões feitas na dissertação de mestrado em geografia. Tem como propósito expor uma análise das noções de meio e modo de vida na ciência geográfica. Para isso, realizou-se uma pesquisa teórica por meio de levantamento bibliográfico sobre o tema. Dessa forma, apresenta-se os conceitos de meio, modo de vida da leitura clássica a contemporânea na geografia. Em seguida, como o conceito meio foi ressignificado por Milton Santos. E por fim, mostra-se a relação umbilical entre o conceito de modo de vida, e meio geográfico, características que podem ser delineadas em uma cultura alimentar, em um saber/fazer como bem destacou La Blache (1954) a alimentação como principal *elo* entre o homem e o meio.

Palavras-chave: conceito, meio, epistemologia, geografia, técnica.

ABSTRACT

This text is part of reflections made in the master's thesis in geography. Its purpose is to present an analysis of the notions of environment and way of life in geographical science. For this, a theoretical research was carried out through a bibliographic survey on the subject. In this way, the concepts of environment, a way of life from classical to contemporary reading in geography, are presented. Then, how the concept was re-signified by Milton Santos. And finally, the umbilical relationship between the concept of way of life and the geographical environment is shown, characteristics that can be delineated in a food culture, in a know-how/doing, as La Blache (1954) pointed out, food as the main link between man and the environment.

Keywords: concept, environment, epistemology, geography, technique.

INTRODUÇÃO

O antropólogo Kaj Birket-Smith (1965) ao estudar a história da cultura elenca o fator das técnicas como uma das formas de domínio do homem em seu meio, como relação preponderante desse processo de apropriação, os homens ao adquirirem seus alimentos constroem hábitos circundantes em suas vidas. Para Santos (2014a, p. 29) pelas “Técnicas ou meios” os homens realizam suas vidas, produzindo assim seu espaço em tempos diversos.

Nesse aspecto, propõe-se neste artigo, refletir sobre o conceito de meio na geografia e modo de vida. Para tal, esse faz uma breve análise dos conceitos aqui elencados e a relação umbilical desses. Nosso propósito não é fazer um resgate epistemológico dos dois conceitos aqui utilizados, não se trata de um artigo com essa finalidade ou de uma revisão teórica, mas tão somente delinear o referencial teórico a fim de estabelecer conexões atuais dos conceitos na geografia.

É bem verdade que o conceito de *meio* é caro para a geografia, pois se esbarra em uma geografia naturalista, determinista, ou quem sabe tradicional, eminentemente são fatores que precisam ser levados em consideração, porém, mais que discutir essas vertentes, é atrelar a ideia de *meio* na construção da geografia – quanto ciência moderna. Nossa intenção é fazer uma revisitação sobre tal conceito, na tentativa de esboçar uma das principais formas de relação do homem e natureza, sabendo que essa é uma relação complexa. Dessa forma, apresenta-se os conceitos de meio, modo de vida da leitura clássica a contemporânea na ciência geográfica. Em seguida, trataremos do conceito meio como esse foi ressignificado por Milton Santos. E por fim, mostra-se a relação umbilical entre ambos, características que podem ser delineadas em uma cultura alimentar, em um saber/fazer para La Blache (1954) a alimentação é principal *elo* entre o homem e o meio.

REFLEXÕES DOS CLÁSSICOS AO CONCEITO DE MEIO

No conceito de *meio* na ciência geográfica, surgirá os nomes de Humboldt e Ritter sendo esses de tradição naturalista e histórica, ambos tecem em suas sínteses cosmológicas a ideia de *meio* de acordo com La Blache (1954); Moreira (2015); Claval (2014). O conceito meio na geografia tem um longo processo, se esbarra no que conhecemos como determinismo geográfico, ou mais tarde no possibilismo conforme Claval (2014).

Paul Claval (2014, p. 135) se refere à botânica como a primeira disciplina a ter explorado as relações entre seres vivos e o meio, sendo destaque na geografia das plantas - pioneiro Alexandre de Humboldt em sua obra *Ensaio sobre a geografia*

botânica das plantas- 1807. Conforme La Blache (1954, p. 30), foi a geografia botânica que contribuiu para que o conceito de *meio* fosse posto em foco nas análises. Paul Claval (2014) é enfático ao dizer que as ideias enquanto geógrafos, sobre a análise dos *meios* foram profundamente marcadas pela ecologia, sendo que os trabalhos dos botânicos guiaram os geógrafos que queriam desenvolver temas sobre ecologia. Pois é da ecologia que a geografia partirá para descrever a *extensão dos meios* conforme Claval (2014, p. 136). A disciplina (geografia), assim, fazia uma análise ecológica que levava em consideração a parte vegetal e animal, fazendo a relação entre os ecossistemas.

Somente no século XIX, iniciam-se os estudos dos geógrafos a uma “ecologia dos homens” Claval (2014, p. 139), compreende que o foco é a forma como os homens tiram proveitos dos meios onde se instalam, a fim de obter o que é necessário à sua alimentação. Claval (2014) diz que a disciplina a partir de então se interessará pelos instrumentos empregados para cultivar a terra ou construir edificações. Notadamente, o conceito de *meio* permeou o pensamento de Friedrich Ratzel, um geógrafo autor da obra: *Antropogeografia-1882*, de acordo com La Blache (1954, p. 30). E Moreira (2012, p. 27) diz que na tentativa de esboçar a relação do homem com terra, Ratzel trata o *meio*, como marca da vida de um povo, esse por aspectos físicos, biológicos e culturais, daí uma das ligações fundantes na geografia homem/meio.

Em Vidal de La Blache (1954, p. 157), o conceito de *meio* permeia seus escritos, esse trouxe uma série de síntese das determinações naturais e sociais que resultam no entorno do homem, esse conceito, por vezes aparece nas obras do La Blache (1954) ligadas à “ação do homem, relações que são estabelecidas pelas técnicas, pelas formas de trabalho, pelas formas de habitação, pela cultura” dentre outras, a ideia de gênero de vida, caberia a La Blache considerar não apenas fatores físicos-naturais ao meio, bem como fatores sociais – agrupamentos sociais La Blache (1954, p. 172).

Na concepção de Moreira (2015, p. 67) em Vidal “os modos de vida se ligam ao meio geográfico, sendo esse um todo diverso de seres, coisas e homens no espaço”. É por meio da sensibilidade de adaptação que cada ser vivo busca aperfeiçoar sua relação com o *meio* agindo, portanto, de acordo com as condições técnicas que dispõe, o homem desenvolve e aperfeiçoa a sua forma de sobrevivência, adaptando-se por meio

do auxílio das técnicas, sendo essa resultante de seu modo de vida.

Nesse sentido percebe-se que o homem adapta-se ao meio para sobreviver, como bem enfatiza La Blache (1954, p.162) a “noção de gênero de vida” permite à análise geográfica vidaliana compreender as relações que os homens estabelecem com o seu meio. Podemos apreender que os estudos relacionados ao meio na geografia vão aparecendo nas discussões que envolvem o ambiente, portanto seria uma linha de pensamento que tem seus primeiros escritos em uma análise, diríamos ambiental.

Relações que são estabelecidas pelas técnicas, pelas formas de trabalho, pelas formas de habitação, pela cultura dentre outras. Moreira (2014, p. 182) diz tratar de uma combinação – “meio geográfico – técnica” e que ao mesmo tempo que origina, é originado por uma cultura técnica que a população cria. Smith (1965) diz que as técnicas se manifestam a princípio pelas matérias primas que o meio geográfico dispõe. Sendo essas aprimoradas, e na empiria do fazer é repassada de geração a geração.

O RESSIGNIFICAR DE MILTON SANTOS

Não há como falar de meio técnico sem fazer referência a Milton Santos, quando trata do conceito *meio*, elenca o papel das técnicas em cada meio geográfico, sendo essa considerada meio pelo autor. Santos enfatiza que a relação do homem com a natureza é sempre mediada pela técnica, a saber, Santos (2014a):

É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada (Santos, 2014a, p. 29).

Santos (2014c, p. 53) ao tratar técnica como um *meio*, diz que essa revela constantemente uma história, uma sucessão. A técnica é uma categoria analítica utilizada para mostrar a espacialização do tempo, estando essa, presente como um dos principais conceitos da sistematização das ideias de Santos.

É sabido que Santos (2014) já esboçava o conceito com bastante precisão na

obra *A natureza do espaço*. Milton Santos e Maria Laura Silveira em sua obra *O Brasil território e sociedade no início do século XXI* - buscam interpretar a formação territorial brasileira a partir de sucessivos meios geográficos atentando para uma configuração em distintos períodos e formas geográficas, para assim vislumbrar uma interpretação de cunho geográfico do território brasileiro. Em uma periodização Santos; Silveira (2014) ambicionam falar da nação pelo território. Sendo assim, os meios geográficos estariam divididos ou colocados para uma reflexão a partir do grau de tecnicidade, Santos; Silveira (2014) os entende como: os meios naturais, os meios técnicos e o meio técnico-científico-informacional.

Meio natural ou pré-técnico para Santos; Silveira (2014, p. 27), caracteriza-se por ser um período marcado por tempos lentos da natureza, comandando as ações humanas de diversos grupos indígenas, com a chegada dos europeus, a seu modo ritmo, o homem vai se adaptando aos sistemas naturais. Para Santos; Silveira (2014), nesse tempo há certa escassez de alguns instrumentos artificiais – uma limitação de técnicas existia sim técnicas, mas era simples, como a agricultura, a domesticação de plantas e animais. Mas, estas eram entrelaçadas simbioticamente à natureza, no meio natural os sistemas técnicos eram locais.

Na concepção de Santos; Silveira (2014), a relação do homem com a natureza era casada com as técnicas e o trabalho, formas de um fazer lentamente elaboradas, uma realização hereditária, atividades que desenvolviam práticas para o exercício da vida como bem destacou Santos (2014):

O homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares, e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo. Esse meio natural era utilizado pelo homem sem grandes transformações. As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação (Santos, 2014a, p. 235).

Nesse pensar o meio natural ou pré-técnico para Santos; Silveira (2014, p. 28) toda “ação supõe uma técnica”, entende-se, portanto, que toda base material das coisas é um dado social. Os modos de vida seriam aqui construção e recriação de hábitos por tempos socialmente construídos, atribuindo aos diferentes meios novas técnicas.

Já no meio técnico, para Santos (2014a), é caracterizado pela incorporação das técnicas - das máquinas, por um espaço mecanizado, pelo processo de industrialização primórdios de uma urbanização. Nesse período, os objetos que formam o meio não são apenas objetos culturais, são também técnicos conforme Santos (2014a, p. 236) havendo assim novas formas de organização no território. Nos sucessivos períodos técnicos, há aumento na produção, na circulação e no consumo por meio de uma malha territorial ainda incompleta, mas em constante processo de construções, havendo, por conseguinte, uma tentativa de integração pelos pontos de extensões dos portos, das ferrovias, pela implantação de rodovias, usinas hidrelétricas, esses elementos permitiram segundo Santos; Silveira (2014, p. 38) a constituição dos primeiros sistemas de engenharias no território brasileiro.

O meio técnico-científico-informacional seria um período marcado pela ciência e tecnologia, esse iniciará após a Segunda Guerra Mundial conforme Santos (2014a, p. 238), nesse período os objetos são ao mesmo tempo técnicos e informacionais. Um período marcado pela informação, sendo essa, vetor fundamental do processo social, e os territórios são equipados para facilitar a circulação conforme Santos (2014a, p. 239). Esse período tende a ter a lógica global - que se manifesta pontualmente, esse meio geográfico tende a ser universal, atual processo de globalização.

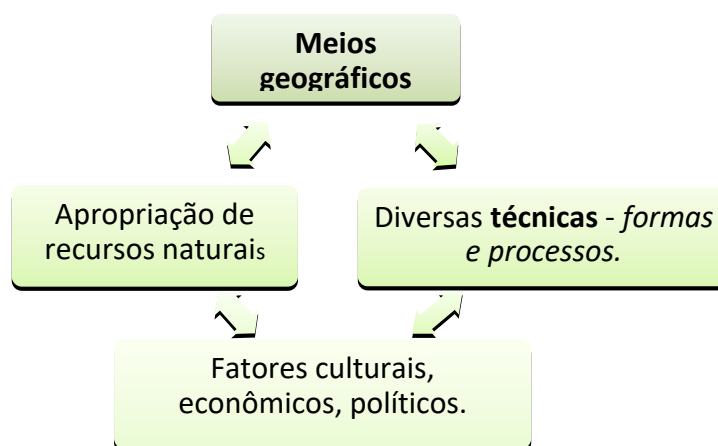
Uma lógica de um novo tempo é vista no mundo, nessa nova era tecnológica, onde o fator tempo e espaço são encurtados ou estendidos, em detrimento dos lugares, os tempos lentos passa-se a um tempo mais acelerado, resultando certa fluidez ao espaço, o Estado tem seu papel de influência, nota-se a presença do mercado global como as multinacionais. Com isso o território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos conforme Santos; Silveira (2014, p. 101).

Ora seja nessa relação do homem - meio, ora seja por fatores exógenos ou endógenos, o homem modifica seus modos de vida, “pela invenção de diferentes técnicas, aumento populacional, o homem modifica o meio e adapta-se a ele” conforme caracterizou La Blache (1954, p. 35). Para La Blache (1954, p. 37), cada grupo encontra múltiplas formas para ocupar diferentes lugares, “a população humana é um fenômeno em marcha”.

Para isso, o (organograma 1) representa uma síntese de como relacionamos a ideia de meio geográfico, entendendo como uma categoria dinâmica na ciência geográfica. Com influências de fatores físicos, - recursos naturais, na relação com as diversas técnicas o homem molda e é moldado pelo meio, sendo essas práticas repassadas de forma hereditária. E nessa relação, o homem adquirirá aspectos culturais, acentuando assim um modo de vida, sendo contornados por aspectos econômicos e políticos conforme as temporalidades do espaço.

Como lembra, La Blache (1954, p. 41) atribui “homem como fator geográfico”, ao passo que conforme sua ação esse é ativo e passivo no processo. Pois pelas condições do meio o homem, organiza sua existência, seus laços, criando mais tarde afinidades com os diferentes meios.

Organograma 1-Síntese de representação dos elementos que formam o meio geográfico.



Fonte: Elaborada e organizada pela autora (2019).

De maneira que podemos apreender que as *técnicas* têm fator preponderante na sociedade, em uma evolução de instrumentos como relação de domínio nos diferentes meios de subsistência. E nessa perspectiva Santos (2012) recupera o conceito de meio, tentando delinear uma teoria das técnicas como fio condutor nas relações do uso da área, e área no uso, tendo a dinâmica do trabalho, da técnica e por condições políticas a base do acontecer por intencionalidades espaciais.

Podemos dizer que o meio resulta do processo de adaptação sucessiva dos

homens na terra, sendo o uso - ação, gerando relações, condicionamentos, singularidades no processo. Quando nos referimos ao meio geográfico nos reportamos a uma relação natural e ao mesmo tempo construtos humanos. No próximo tópico, discorreremos sobre o conceito de modo de vida na geografia, norteando o alimento como elo dessa relação.

MODO DE VIDA NA GEOGRAFIA

Apesar de haver diferentes abordagens do termo modo de vida, como aponta Braga, Fiúza, & Remoaldo (2017, p. 370), modo de vida “assume uma pluralidade de significados”, sendo esse utilizado por diversas concepções no campo científico da literatura nacional e internacional. - Nossa intenção é fundamentar nossa reflexão em autores da ciência geográfica partindo da concepção de La Blache (1954) e Sorre (1948, 1984) compreendendo que ao relacionar-se com meio físico, o homem buscou para si meios de vida, formas que garantisse sua sobrevivência, não apenas isso, mas que perpetuasse sua existência. Trata-se, portanto, de uma relação de formas de vida, da necessidade de sobreviver, das transformações das matérias do entorno de um processo que engendra desde concepção física a mecânica na sociedade.

É na natureza, na apreensão dos clássicos, em diferentes meios que o homem desenvolveu suas técnicas, essas repletas de engenhosas formas de adaptação (La Blache, 1954), e nesse aspecto o autor compreende modo de vida sendo uma construção coletiva composto por elementos materiais e imateriais.

O homem criou para si modos de vida. Com o auxílio de materiais e de elementos tirados do meio ambiente conseguiu, não de uma só vez, mas por uma transmissão hereditária e processos e de invenções, constituir qualquer coisa de metódico que lhe assegura a existência e lhe assegura um meio para seu uso. Caçador, pescador, agricultor- ele é tudo isso graças a uma combinação de instrumentos que são sua obra pessoal, sua conquista, aquilo que juntou por sua iniciativa à criação (La Blache, 1954. p. 172).

É por atributos culturais que as populações mediam e constroem um modo de vida particular como destacou Claval (2007). Na análise geográfica Vidaliana, é por

intermédio das técnicas que os homens tecem com o seu meio. Moreira (2015) fala do modo de vida como síntese desse processo.

Ao dissertar sobre tal temática, Claval (2014, p. 140) diz que “gênero de vida é primeiramente uma ecologia”, essa se cristaliza sob o efeito do hábito. Considerando assim que o estudo de gênero de vida refere-se aos condicionantes, mas destaca também que a natureza não dita aos grupos soluções que estes realizam: fala de adaptação, mas não de determinismo.

Sobre o modo de vida, Derruau (1973, p. 169) diz que para geografia humana, um modo de vida refere-se a uma coletividade, expressa pelo conjunto de hábitos, pelos quais os grupos praticam e asseguram a sua existência. Para o autor “não há modos de vida perenes” Derruau (1973, p. 173).

A noção de modo de vida transforma-se no centro do interesse da geografia humana, pois é o conjunto de laços que une o grupo ao meio. Para Sorre (1984, p. 22) gênero de vida está relacionado a um conjunto de técnicas, sendo elementos materiais e espirituais transmitidos pela tradição, mediante as quais os homens asseguram o domínio sobre a natureza. Para Sorre (1984) não há gênero de vida que não seja coletivo.

Moreira (2016, p. 138) ao se referir sobre o conceito gênero de vida na sua obra *O pensamento geográfico brasileiro 2*, considera a visão de La Blache, quando ele analisa o conceito gênero de vida como “nexo de organização geográfica de civilização”. Sendo que para La Blache (1954, p. 172), modo de vida seria a forma que o homem vive sua relação com o meio geográfico, criando sua cultura e organizando sua forma de civilização, pois é pelo tipo de nutrição e pelos hábitos um princípio de diferenciação dos homens. Esse seria um longo processo acumulativo de tempo, técnicas e hábitos que são enraizados nas diferentes sociedades, mudando a paisagem e o próprio espírito do homem, determinando assim a forma e o conteúdo do espaço geográfico.

Ruy Moreira faz uma conexão da concepção de Sorre, quando compreende as tradições, em seus saberes, hábitos e costumes como argamassa da durabilidade e permanência no tempo, “sendo esses a base que liga, sustenta e garante o modo de relação que existe entre o homem e a natureza” Moreira (2016, p. 140).

Houve inúmeras transformações no espaço, ao longo dos tempos, a forma com que a sociedade se relaciona com a natureza, mudou, e continua a mudar. Relações diversas são tecidas ao longo dos anos, a técnica tem papel preponderante nesse aspecto, essa dá uma nova roupagem para o modo de produção e suas estruturas no espaço, Santos (2014a). Havendo continuamente sucessões e coexistências de formas, e usos em tempos distintos no espaço. Entende-se, que o modo de vida, ou mesmo gênero de vida é uma construção coletiva, uma forma de cultura hereditária, que é repassada de geração a geração conforme La Blache (1954, p. 155-173), Sorre (1984, p. 22). Dada à concepção dos autores, percebemos o fator da cultura como um elemento dinamizador do meio e das técnicas, caracterizando formas de utilização de recursos naturais, poderíamos compreender como condições humanas, ato de reprodução - dinâmica social.

MODO DE VIDA E O ELO DO ALIMENTO

Quando pensamos no processo de produção do espaço, há inúmeros modos de vida que se revelam desde hábitos alimentares, no trabalho com a terra, na vida no cultivar, no cultuar, nos saberes e fazeres, refletindo um modo de produzir o espaço. Diante de tal colocação, compreendemos que ao estudar o conceito de modo de vida, se faz necessário levar em consideração as distintas marcas sociais que vão desde forma de viver, habitar, de se alimentar dentre outras. No processo de constantes transformações temporais é possível vislumbrar a singularidades dos modos de vida de diferentes grupos sociais sejam indígenas, quilombolas, ribeirinhas, extrativistas, bem como os grupos sociais urbanos.

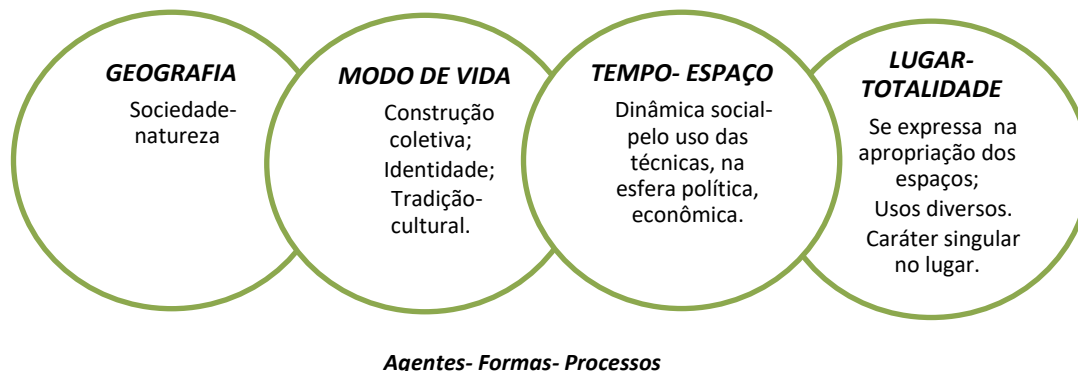
O (organograma 2) faz uma breve síntese da apreensão sobre o conceito *modo ou gênero de vida*, abordado no trabalho, esse constituindo uma relação social com o homem em diferentes meios geográficos, articulado por técnicas, adaptando-se à dinâmica social conforme a temporalidade, sendo o alimento um elo entre sociedade - natureza. Para tal, o artigo contempla o conceito modo de vida, relacionando os saberes e fazeres em uma totalidade, essa expressa no modo de vida - caráter cultural-

simbólico, como também no caráter produtivo vista na dinâmica da vida material de quem produz. O alimento é uma das expressões, uma forma, um signo dessa relação gerando um espaço de memória coletiva conforme Claval (2007). Nessa perspectiva pensar no alimento é refletir em um elemento fundante da cultura. No caso aqui compreendemos que o modo de fazer é singular, sendo este característico de cada lugar. É com o olhar da geografia que contemplamos as formas espaciais de um acontecer no lugar, que reverbera em práticas antigas e contemporâneas do/no espaço.

Ao passo que na tentativa de compreender e explicar os fenômenos naturais e sociais, a ciência geográfica esbarra em um desafio conceitual enorme, pois o caráter dessa explicação que compõe um conjunto de interpretação heterogênea e nem sempre relacional. Mas como passo inicial, podemos discorrer sobre a forma contínua da relação que temos com outros saberes do conhecimento. Em uma inter-relação do homem com o meio em diferentes locais, podemos apreender que cada ação gera uma caracterização de grupos ou formas coletivas diversas, identificando assim uma tradição cultural ao um determinado grupo. Pois conforme a “evolução das técnicas, uma nova etapa histórica se torna possível” Santos (2015, p. 24) etapa essa que se configura em uma simultaneidade de momentos. Caracterização essa que mais tarde pela dinâmica social do espaço-tempo que para Santos (2012, p. 121) se dá pelo “momento histórico da construção e reconstrução do espaço” como ciência e tecnologia – que é técnica. Essas se dinamizam em uma “totalidade concreta e abstrata” Santos (2012, 30) por uma metamorfose onde o espaço tem papel preponderante.

E é no lugar que se expressará os “modos de produção, o concreto, a base territorial historicamente determinada” Santos (2012, p. 28), para o autor as formas espaciais são a linguagem dos modos de produção. Assim, cada lugar apresenta sua singularidade em seus usos diversos, pois cada indivíduo se relaciona com o meio, se apropriando dos recursos existentes no espaço onde residem, combinando as técnicas, seus saberes como forma de produção e reprodução de vida.

Organograma 2- Síntese de representação do conceito *modo de vida* na geografia aplicado no trabalho.



Fonte: Elaborada e organizada pela autora (2019).

Sendo assim, apreendemos que os diversos fazeres e saberes são elementos histórico, um dado cultural, um símbolo que caracteriza a relação de um grupo com seu meio. Conforme Benchimol (2009) o processo cultural do povoamento tem como característica principal: a multidiversidade de povos e nações. O mesmo ao tratar sobre o complexo cultural amazônico compreende essa como:

[...] um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a organização social e o sistema de conhecimento e práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme, responsáveis pela economia de subsistência e de mercado (Benchimol, 2009, p. 17).

Para Benchimol (2009) o complexo cultural do homem na Amazônia é múltiplo, seu modo de vida, sua forma de se relacionar com o meio natural, é marcante na história, sua relação com o rio, com a floresta, com a terra, suas habilidades que demonstram uma intensa prática de conhecimentos de recursos naturais. Quando se trata de biodiversidade, seus saberes transcendem séculos, seja o indígena, o caboclo amazônico, ou os ribeirinhos, os seringueiros, os castanheiros e demais grupos, desenvolvem uma relação íntima com espaço natural, sendo essa fundada em seus modos de vida, como bem destaca Castro (1998, p. 7).

É possível compreender que o modo de vida está relacionado ao fator cultural do alimentar-se do ato de fazer a farinha de mandioca, por exemplo, hábito esse oriundo de tradições alimentares da população brasileira. Sejam por influências externas e internas, essas responsáveis por acarretar ao país uma boa tradição agrícola no uso da mandioca em seus diferentes produtos. Certamente, a farinha de mandioca constitui-se uma prática cultural, em um modo de fazer tradicional, a partir de determinadas técnicas adquiridas ao longo do tempo, e no processo de adaptabilidade ao meio, essa se modificou, adquirindo formas peculiares, seja nos instrumentos ou na forma de preparo da farinha de mandioca.

Foi nas mais diversas técnicas que nossos ancestrais dinamizaram suas práticas da alimentação, do cultivar ao transformar a mandioca, estavam entre os saberes/fazer. Instrumentos como: prensa, peneira, ralador, ou no cesto para colocar farinha utilizada pelos indígenas, são símbolos de um tempo histórico marcante no tempo e espaço. Ao tratar sobre a temática da alimentação brasileira, Paula Pinto e Silva (2005)¹ diz que em tempos históricos a mandioca teria dominado o litoral brasileiro acompanhando a dinâmica de migração dos povos de origem tupi. É considerável, portanto, que até atualmente essa tenha permanecido como uma cultura material e imaterial.

Nos escritos de Wagner; Mikesell (2000, p. 150) esses destacam dois fatores principais da cultura - as ideias e as técnicas, essas tendem a “difundir a herança cultural dos povos aumentando cumulativamente, ocorrendo assim uma sucessão local e regional de práticas culturais. Pois é nas conexões históricas que se evidencia tal condição”. Práticas essas que se perpetuam em gerações, no modo de saber/fazer.

O (organograma 3) representa a síntese que fazemos do conceito *meio* geográfico neste artigo e sua conexão com o modo de vida anteriormente apresentado. Como raciocínio para a construção dele, tivemos como ponto norteador, - o olhar da ciência *geográfica* como essa considera a relação homem-meio. Uma forma de ir além

¹ Para Silva (2015, p. 81) essa dinâmica teria formado um complexo da mandioca- *composta por bens de cultura material tais como raladores, peneiras, prensas e fornos de barro*, instrumentos que perduram como forma de um longo processo histórico cultural.

da dicotomia da geografia física-humana, percebe-se a categoria da paisagem, permeando as análises dos primeiros geógrafos.

Conforme Mendonça (2014, p. 16), a geografia tem como objetivo “compreender fenômenos naturais e sociais” para explicar essas inter-relações ou interferências, tenta esclarecer a organização espacial, chegando a ter um caráter heterogêneo procurando sempre se aliar às ciências da natureza e humana ao mesmo tempo. Sua linha de abordagem percorre o campo de diversos saberes, abrindo horizontes de análises em diferentes realidades. Uma relação homem e meio que se estende nas possibilidades de inter-relação de aspectos naturais e sociais.

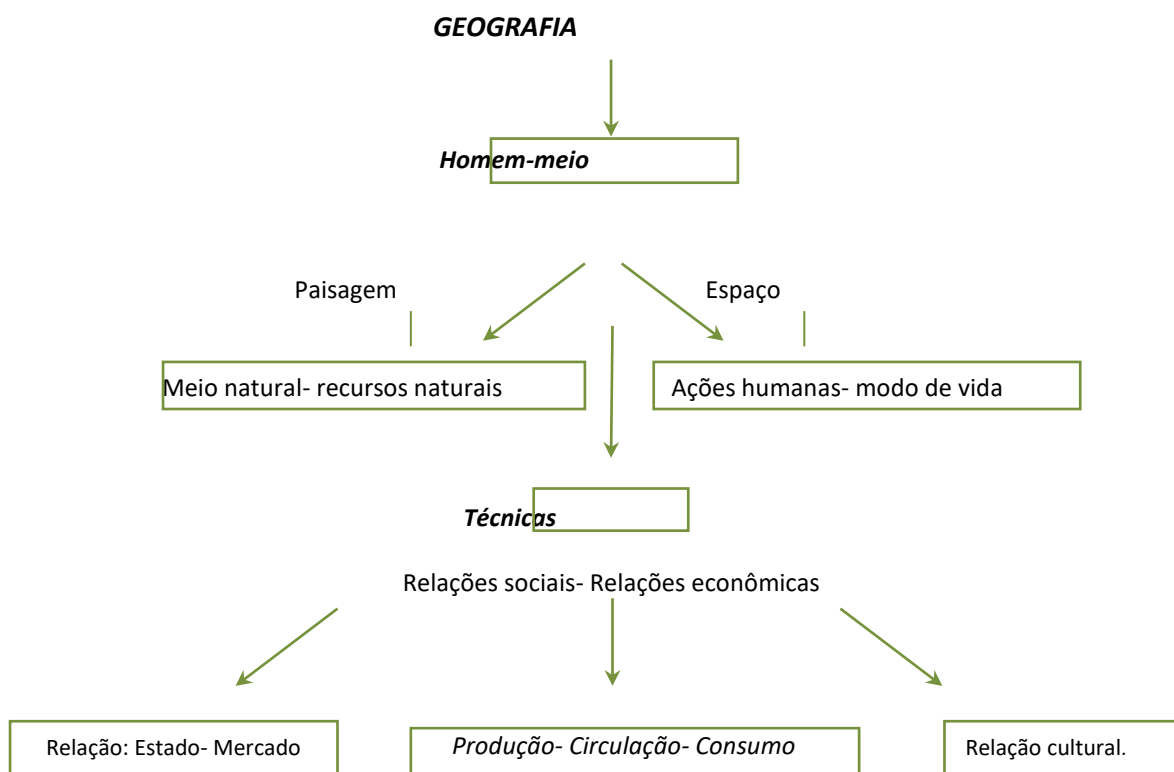
Ao fato de que Santos (2012, p. 246) argumenta que a relação natureza-espço são sinônimos se considerada natureza transformada, aí poderíamos falar em uso dos recursos naturais, pontuando uma relação com o meio. Uma configuração espacial, uma organização, a saber, que o homem se organiza, adapta por meio de técnicas das mais simples às mais sofisticadas em diferentes temporalidades. Pela forma de uso dos recursos naturais, pela prática de *técnicas agrícolas*, extrativismo, pesca, dentre outras, o homem se relaciona com os meios. Para Claval (2007) essas ações resultam em um modo de vida, ligados por dimensões culturais. Relação que se dá através do trabalho - relações sociais e econômicas se estabelecem, pois “a alimentação reflete as estruturas da sociedade” Claval (2007, p. 255).

Sendo assim, entendemos que a geografia parte da paisagem ao espaço para pensar meios geográficos como forma de conexão e não de forma separada. Conforme Mendonça (2014, p. 46), “o estudo da paisagem constitui um dos métodos mais antigos do estudo do meio natural pertencentes à geografia”. O estudo da paisagem não leva em conta pensar apenas em aspectos físicos do planeta, mas articular esse pensar em aspectos humanos, isto é, ações no seu conjunto de elementos, “paisagem humanizada” Mendonça (2014, p. 47).

Podemos compreender que cada tempo tem suas técnicas, “[...] cada sistema técnico representa uma época” (Santos, 2010, p. 25), a surgir uma nova a antiga não desaparece, ao contrário, essa por vezes é adaptada, seguindo assim formas distintas. Para tal apreendemos que o conceito de meio e modo de vida na geografia estão

umbilicalmente ligados. E mediante as relações sociais, o homem em geral se produz e reproduz no espaço, isso se dá concomitantemente à produção e reprodução dos homens coisificados conforme Silva (2019, p. 27) de acordo com a autora essa coisificação seria a força de trabalho. Pois a partir dessas relações há um processo de produção, momentos que, esboçam um movimento de circulação seja a venda da força de trabalho, na circulação de mercadorias ou mesmo na circulação monetária até a finalização do circuito produtivo que seria o do consumo, tendo o valor de uso para quem adquire ou o valor de mercadoria-troca para quem assim incorporar a mais valia de acordo com Silva (2019, p. 25). E assim, falamos em relações econômicas – relações que abrangem o estado, o mercado sendo o processo de produção - circulação e consumo característicos de totalidades sociais de cada tempo.

Organograma 3- Síntese do conceito de meio e de modo de vida na geografia.



Fonte: Elaborada e organizada pela autora (2019), com base em La Blache (1954); Moreira (2015); Santos (2014a).

Como mostrado no (organograma 3), na tentativa de delinear traços das análises preliminares sobre o conceito de meio geográfico, modo de vida compreendemos que esses alcançam um debate atual no que concerne a formação territorial, ao fator cultural, as formas, processos, estruturas, e função de cada momento na sociedade pelas lentes da ciência geográfica. A geografia cabe desvendar, interpretar esses processos, sua morfologia social no tempo e no espaço. Dessa forma o modo de vida é passo inicial para compreendermos o processo de relação entre meios geográficos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja pela força humana ou mesmo pela adaptação de novos instrumentos técnicos, o processo do saber/ fazer segue com características hídras, seja na forma de trabalho ou mesmo no modo como se fez e se faz a farinha de mandioca em cada temporalidade. De modo que essa se tornará um hábito, as práticas reveladas no alimento são uma construção histórico/social. O alimento constitui um símbolo, uma marca identitária conforme Menezes (2017) no processo de produção do espaço.

Nesse sentido, Claval (2002, p. 21) afirma que uma das concepções da cultura – é o papel importante na construção das identidades coletivas. À medida que percorremos a temática do alimento, fica claro que esse se revela como um fator histórico, em ampla dimensão, possivelmente biológica, cultural, e econômica.

O alimento contextualiza-se historicamente em grupos sociais, pois, seja nos hábitos ou no padrão de organização de produção ao consumo, ele configura uma experiência com o meio. Pelas formas de uso dos recursos naturais, estratégias, técnicas a humanidade se articulou, conquistando meios que garantiu a sobrevivência, bem como o processo de adaptabilidade aos meios geográficos, seja na pesca, na agricultura, no extrativismo e nas diversidades de atividades que revelam a possibilidades de sustentabilidade e geração de renda.

Analisando conceito meio geográfico e sua relação com modo de vida é possível vislumbrar que estão muito relacionados. De certo, que o conceito de modo de vida sempre esteve acompanhado da noção de técnicas, a relação do homem com meio físico-social. Constituindo-se, noções que expressam uma complexidade maior, pois

permeia a outras noções, princípios e conceitos na ciência geográfica. Diante das diferentes formas, conteúdos e das técnicas nos meios geográficos é possível fazer recortes espaciais que seja capaz de interpretar as realidades sociais.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia - Formação Social e Cultural**. 3ª Edição. – Manaus: Editora Valer, 2009. 546 p.

BRAGA, G. B., FIÚZA, A. L., & REMOALDO, P. C. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões *Interface*, nº 45, mai/ago 2017, p. 370-396.

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. Belém: **Papers do NAEA** Nº 92,1998.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzol Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta.– Florianópolis: 3ªEdição. UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. **A volta do cultural na geografia**. MERCATOR. *Revista de Geografia da UFC*. Ano 01, nº01. 2002 p. 19-28.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da geografia**. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. 2ª. Edição, rev. Florianópolis: ed. da UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. Tradução Domitila Madureira. 1ª. Edição, 1ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2014.

DERRUAU, Max. **Geografia humana I**. Editora: Martins Fontes.1973.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de geografia humana**. (Tradução Fernando Martins). 2ª Edição, Cosmos, 1954.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Alimentos identitários: uma reflexão para além da cultura. **Geonordeste**, ano XXIV, n. 2, p. 120-136, 2013.

MENDONÇA. Francisco. **Geografia física: ciência humana?** 8ª edição, 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014.- (Repensando a geografia).

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia** – 2ª Edição, 2º reimpressão. - São Paulo: brasiliense, 2012.- (coleção primeiros passos; 48).

MOREIRA, Ruy . **O pensamento geográfico brasileiro**, vol.1: as matrizes clássicas originárias. – 2ª Edição, 3º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**, vol.2: as matrizes clássicas originárias. – 2ª. Edição, 2º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 18ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª Edição, 8ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014a.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. 1ª. Edição. 3ª. Reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014b.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª Edição, 2ª reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014c.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ª Edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. – 19ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. 2ª Edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019. (Caminhos da Geografia).

SILVA, Paula Pinto e. **Farinha, feijão e carne seca**: um tripé culinário no Brasil colonial. São Paulo: Senac, 2015.

SMITH, Kaj Birket. **História da cultura**: origem e evolução. 3ª edição. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: edições melhoramentos, 1965.

SORRE, M. A noção de gênero de vida e seu valor atual. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural**: Um século. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 15-62.

SORRE, M. **Geografia**. Tradução e organização de Januário F. Megale, Maria Cecília França e Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1984.

WAGNER, Philip L.; MIKESSELL, Marvin W. Temas da geografia cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural**: Um século (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, p. 111-167.

Jakeline Almeida Brito - Doutoranda em geografia (PPGEO/UFPA); Geógrafa; Professora; Mestra em geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO-UFPA); Possui especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade; Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia (UFPA). Bolsista - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Integra o Grupo de Geografia do Turismo (GGEOTUR) - Turismo, Patrimônio e desenvolvimento socio-espacial na Amazônia da Universidade Federal do Pará. Tem Interesses na área de Geografia, em temas como Epistemologia em Geografia, Geografia Agrária, Geografia Cultural, Patrimônio alimentar, Espaço Agrário na Amazônia, Educação Ambiental.

Recebido para publicação em 18 de outubro de 2023.

Aceito para publicação em 23 de maio de 2024.

Publicado em 27 de maio de 2024.